



## Testemunha [Vittne, 1995]

de Cecilia Parkert

Tradução do sueco | **Ana Dinis**

Encenação | **João Cardoso**

Cenografia | **Sissa Afonso**

Figurinos | **Bernardo Monteiro**

Desenho de luz | **Nuno Meira**

Vídeo e sonoplastia | **Miguel Ângelo**

Interpretação | **Rosa Quiroga**

Construção do cenário | **Américo Castanheira**

Fotografia de cena | **Ana Pereira**

Imagem gráfica | **Fuselog**

Direcção de produção | **Rosa Quiroga**

Porto, 15 a 26 Setembro de 2004

Rivoli Teatro Municipal PA

## Testemunhas

Paulo Eduardo Carvalho

*Testemunha* chega-nos de paragens invulgares, a Suécia, pela mão de uma quase desconhecida, Cecilia Parkert. Mesmo depois de estabelecida a comunicação com a autora – que, com obstinado pudor, se recusou a enviar-nos uma fotografia sua para este nosso programa –, pouco conseguimos saber sobre esta dramaturga sueca: que nasceu em Uppsala em 1968; que vive em Estocolmo e tem realizado alguns trabalhos como repórter; que tem colaborado como dramaturga e tradutora com alguns Teatros no seu país, caso do Riksteatern (dedicado ao teatro infantil e juvenil) e do Uppsala Stadsteatern; que esta sua peça, *Testemunha*, escrita em 1995 e estreada em 1997, foi abundantemente representada na Suécia durante os anos seguintes, tendo sido mesmo escolhida para integrar uma antologia com as peças suecas mais importantes da última década do século XX. Conseguimos ainda saber – porque isso nos contou a própria autora – que *Testemunha* terá resultado de um conjunto de marcantes experiências pessoais:

Quando era mais nova, trabalhei como intérprete (tradução consecutiva) em sessões de terapia individual e colectiva num centro de tratamento para pessoas com problemas de droga e de álcool. O terapeuta era americano e os participantes suecos. As sessões combinavam histórias sobre maus tratos físicos, violação, incesto, mesmo homicídios. Mais tarde, quando estava a estudar no Dramatiska Institutet – uma Universidade dedicada ao cinema, rádio e televisão, onde estudei Composição Dramática e Dramaturgia durante três anos –, encontrei um rapaz da minha idade, Jasenko Selimovic, um refugiado de Sarajevo, que estava a estudar Encenação. Na primeira semana, tivemos de fazer um trabalho em que tínhamos de contar um ao outro memórias nossas. Eu falei do meu trabalho como intérprete em contexto terapêutico, ele falou sobre a guerra. Depois, ele disse-me: tens de escrever esta peça. Fizemos alguma pesquisa, falámos com refugiados, e eu acabei por escrever este monólogo. Foi o Jasenko quem acabou por encenar a produção de estreia, no Backa Teater, em Gotemburgo. As histórias dos “pacientes” na peça são autênticas, mas retirei os nomes e alterei alguns pormenores por razões de privacidade. É também importante registar que esses pacientes são oriundos das mais diversas partes da antiga Jugoslávia, e não de um único grupo étnico.

Sabíamos já – porque foi assim que chegámos a este texto – que o sucesso de *Testemunha* passara pela Dinamarca e Noruega e chegara à Grã-Bretanha, mercê dos esforços e da atenção do Gate Theatre, de Londres, responsável pela atribuição bianual de um Prémio de Tradução, com o apoio da editora Oberon Books. A tradução para língua inglesa da peça de Parkert conquistou em 2002 esse mesmo prémio para Kevin Halliwell. A produção do Gate Theatre estreou a 18 de Julho desse ano, com interpretação de Tamzin Griffin e encenação de Erica Whyman, directora daquele Teatro. O espectáculo alcançou um razoável sucesso, tendo sido mesmo escolhido pelos críticos do *Time Out*, facto que levou à sua reposição em 2003, no festival do Battersea Arts Centre, e a uma ulterior digressão que ainda o conduzirá, em 2005, até Nova Iorque.

Para lá de todos estes pequenos méritos, aquilo que justifica a inscrição deste texto no repertório que a ASSÉDIO vem construindo é menos o propósito de revelar uma qualquer dramaturgia, individual ou nacional, mas antes o modo como a ficção que ele tão habilmente tece ter acabado por se impor aos criadores da companhia como “eco” de outras ficções dramáticas antes experimentadas. Integrado num ciclo de monólogos, *Testemunha* oferece-nos mais do que uma variação deste formato. Esta tradutora-intérprete que durante quase uma hora nos tenta contar a sua história afirma-se, por exemplo, como uma espécie de versão profissionalmente justificada da protagonista atormentada de *Cinza às cinzas*, de Harold Pinter, que a ASSÉDIO apresentou em 2002. Nessa extraordinária ficção, Rebecca surpreendia o seu marido com relatos estranhos de um amante torcionário, de visões de crianças arrancadas dos braços das mães nas plataformas de estações de comboios, de cadáveres sentados em salas de cinema, de figuras envergando longos casacos entrando pelo mar e de outras caminhando sobre o gelo. Devlin, o seu marido, privava-a, nessa peça, do direito de dizer aquelas coisas, a ponto de ela própria reconhecer: “Nenhuma, não tenho autoridade nenhuma. Nunca

me aconteceu nada. Nunca aconteceu nada a nenhum dos nossos amigos. Eu nunca sofri. Nem os meus amigos”.

Se na quase cínica ficção pinteriana resultava como subtil a insinuação de que, face a tudo aquilo que de aterrador nos rodeia e envolve, o *nosso* (ocidental?) conforto não pode passar de uma ficção, na peça de Cecilia Parkert o tormento vivido pela protagonista resulta do exercício da sua própria profissão: “ser intérprete é uma espécie de castigo”. Um castigo que a personagem aproxima daquele experimentado pela ninfa Eco, a quem Hera condenara a repetir aquilo que os outros diziam.

É, justamente, devido à hábil exploração metafórica do labor tradutório que a ficção da dramaturga sueca alcança uma reverberação capaz de atribuir uma intensidade renovada ao sofrimento do mundo, muito particularmente aquele associado à crueldade praticada por seres humanos sobre outros seres humanos, exemplarmente demonstrado em situações de guerra. Daí que para lá do horror transmitido pelos diversos relatos – como o do “homem a quem arrancaram um bocado da pele e obrigaram a fingir que se estava a assoar a ela” ou o da “mulher que era obrigada a beber a sua própria urina todos os dias” –, Parkert consiga acrescentar à sua história um veio de (auto-)reflexão sobre as implicações do acto de traduzir ou interpretar a voz e a experiência dos outros.

Embora a sua protagonista escute histórias que “ficam presas na garganta”, ela tem de as verbalizar, tem de as compreender e dar-lhes voz. A escolha será entre o imperturbável profissionalismo do terapeuta, Göran, e o pouco ético envolvimento desta tradutora que, numa experiência extrema, se apercebe da falácia desse preceito que sugere que “um intérprete nunca diz nada por iniciativa própria”, acabando por concluir que “ser intérprete não é só traduzir palavras”. Parkert mergulha-nos, assim, num universo alargado de traduções e interpretações, do qual todos fazemos parte e do qual todos somos *testemunhas*, com maior ou menor distância, maior ou menor consciência das nossas responsabilidades e/ou perturbações.

## Sinopse

Uma intérprete traduz as horríveis histórias de sofrimento de sobreviventes da guerra na antiga Jugoslávia para um terapeuta sueco. Enquanto o terapeuta demonstra uma imperturbável indiferença, a intérprete sente-se cada vez mais dividida entre a ética profissional, que lhe exige desprendimento em relação ao sofrimento das pessoas cujos relatos ela deve traduzir, e o seu natural envolvimento emotivo. Ao mesmo tempo que ouve e reproduz todos aqueles dolorosos depoimentos, vai reflectindo sobre o alcance da sua missão e daquela do terapeuta. Para ela, dizer as palavras parece ter deixado de ser suficiente. Embora pondo em risco o seu trabalho, o seu sentido de perspectiva e até mesmo a sua sanidade, esta “testemunha” acaba por se envolver com aquelas pessoas, em particular com uma delas, um homem. Agora que tenta contar a sua história, dá-se conta que só o consegue fazer socorrendo-se das histórias de outros, que traduziu para outros.

## Posso começar?

João Cardoso

*Testemunha*, de Cecilia Parkert, prolonga um ciclo de monólogos que a ASSÉDIO iniciou em 2003 e do qual já apresentamos três espectáculos: *Rum e vodka*, de Conor McPherson, *Uma noite em Novembro*, de Marie Jones, e *Billy e Christine*, de Jennifer Johnston.

Quando li pela primeira vez este texto, as imagens de sofrimento e de horror impuseram-se sobre tudo o resto, como se essas imagens pudessem ser mais poderosas do que a(s) própria(s) personagens(s). Agora, ao ensaiar já este monólogo, sinto cada vez mais que o horror sai do plano físico da guerra para se materializar em rostos, em gestos, em *ecos*, em emoções. Retalhos da História e de histórias, em que a crueldade e o sofrimento perpassam através das palavras, as excedem e contaminam. Tal como esta personagem, que tão indirectamente testemunhou os extremos da dor humana e acabou contagiada por ela.

Interpretar a intérprete, traduzir a tradutora: o seu testemunho é muito mais do que histórias de genocídio e de guerra, é o testemunho da vida que resta aos que sobrevivem. Histórias que não precisam de ser contadas até ao fim, porque não têm fim, porque o que realmente interessa é indizível, intraduzível. E são esses silêncios do que fica por contar, do unimaginável, que nos interpelam, que nos confrontam.

Criámos um cenário, como que um corredor de memórias, onde imaginámos rostos que desfilam ausentes. É agora nele que o nosso trabalho se completa. Porque é disso, afinal, que nos ocupamos, todos os dias: somos intérpretes, tradutores, testemunhas, transmitimos as histórias dos outros, aquelas que antes nos contaminaram.

*Mas claro, aquilo que não se consegue transmitir como intérprete fica para sempre dentro de nós. Restos de histórias, que se acumulam no fundo da nossa consciência. Como quando ouvimos o nosso própria eco. Menos de metade daquilo que gritámos é devolvido. Para onde vai o resto?*

## Agradecimentos

Ana Margarida Vaz  
António Durães  
Cristina Costa  
João Pedro Vaz  
Lígia Roque  
Manuela Ferreira  
Paulo Cardoso  
Paulo Eduardo Carvalho  
Rute Pimenta  
Sérgio Pinto  
Susana Menezes

Pedras e Pêssegos